



REFLEXÕES ACERCA DA INSTAPOESIA E UMA VISÃO DA OBRA *SAD TRASH*, DE MARLENE FONT

GT 2: EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Trabalho completo

Matheus Guilherme ANTUNES (Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem/UFMT)

matheus.sjr123@gmail.com

Vinicius Carvalho PEREIRA (Docente do Departamento de Letras - IL/UFMT)

viniciuscarpe@gmail.com

Resumo

Este ensaio propõe reflexões acerca da instapoesia enquanto gênero de literatura digital de terceira geração. A presente discussão será feita por meio da leitura da obra *Sad Trash*, da autora Marlene Font (@mardoufox696), poemário aprovado para publicação no segundo volume da *Antologia litElat*. O trabalho se debruça, também, acerca do experimentalismo em torno dos textos poéticos e das *affordances* da rede social Instagram, uma vez que esses aspectos contribuem para novas potencialidades da poesia no meio digital.

Palavras-chave: Poesia Digital de Terceira Geração. Instapoesia. Marlene Font.

1 Introdução

A obra *Sad Trash*, da autora latino-americana Marlene Font, mostra-se um importante caso do gênero instapoesia, uma vez que sua proposta é a escrita de poemas com uso de GIFs disponíveis para postagens em stories na rede social Instagram. A obra se constitui com 18 stories alocados na aba destaques do perfil da autora (@mardoufox696), como se fosse uma espécie de galeria de fotos e/ou uma antologia com seus próprios instapoemas. Segundo Penke (2021), “as inovações técnicas permitiram que o mero texto (literário) não mais aparecesse apenas nas telas, mas pudesse ser moldado de forma mais simples, sem conhecimentos de programação e complementado com elementos visuais”. Assim, tem-se o texto poético reinventado dentro da rede social, lançando mão das *affordances*¹ dessa rede para a produção literária.

2 Objetivo

¹ Empregamos neste trabalho a definição mais frequente de *affordance* nas áreas de mídias e tecnologias digitais, nas quais o termo designa o fenômeno pelo qual um objeto ou plataforma determina, por meio das propriedades de seu design, os modos como pode, deve ou não pode ser usado.



Diante do crescimento da poesia digital em redes sociais na América Latina, o presente trabalho visa analisar o poemário Sad Trash, de Marlene Font, atentando para as relações entre as affordances dessa rede e a poética adotada pela autora.

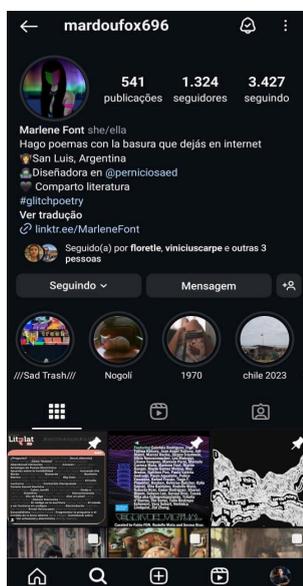
3 Procedimentos metodológicos

Para atingir os objetivos deste trabalho, os autores procederam à análise dos poemas em stories salvos na aba destaques do perfil de Instagram @mardoufox696 conforme metodologia de descrição da literatura digital proposta por Rejane Rocha (2023) a partir dos postulados de Nestor Canclini (2016).

4 Desenvolvimento

A autora Marlene Font, em seu perfil no Instagram, apresenta-se como produtora de #glitchpoetry, dizendo “hago poemas con la basura que dejas en internet”. Desse modo, ela se posiciona como autora de literatura eletrônica, ou seja, como utilizadora das práticas da cultura digital em suas obras.

Figura 1- Perfil de Marlene Font (@mardoufox696)

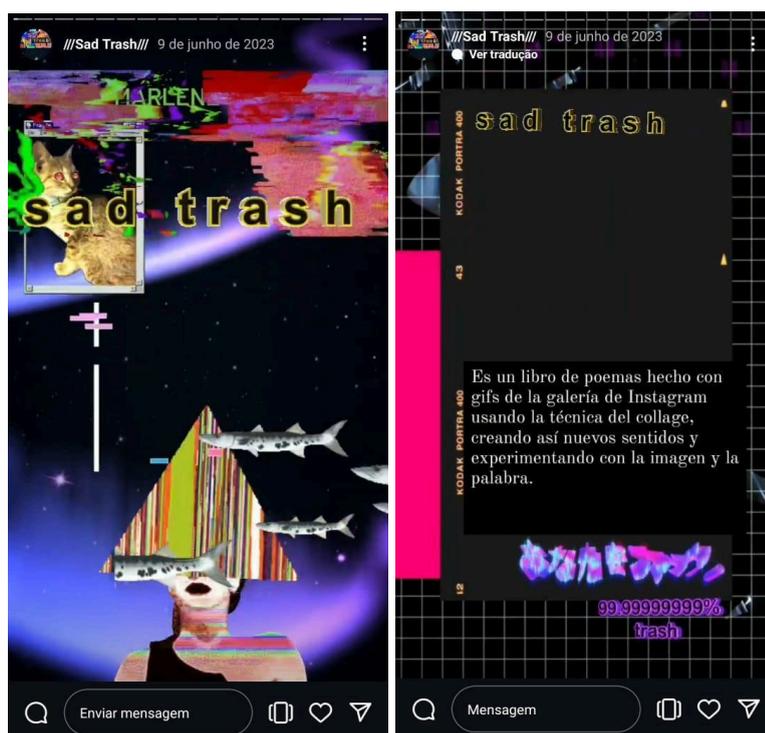


Fonte: FONT, Marlene. Instagram: @mardoufox696.



O instapoema, gênero de literatura digital de terceira geração², pode apresentar a combinação de várias mídias, por exemplo, GIFS e trilhas musicais, além das imbricações da palavra e da imagem, comumente encontradas nesta rede social. Tais aspectos fazem parte do jogo da poesia no Instagram e, ao serem combinados, resultam em diversas possibilidades de sentido e em novas maneiras de fazer literatura. Penke (2021) aponta que “O Instagram não só permite a extensão de práticas já estabelecidas às condições midiáticas alternativas, mas também surgem novas possibilidades para a comunicação literária”. Ao levar em conta o meio digital para a construção poética, é possível observar que a instapoesia está ligada aos artificios da plataforma em que ela é escrita. Ou seja, a rede social é parte da obra constituída, uma vez que transpassa a função de veicular o texto poético e se torna uma mídia constitutiva deste.

Figura 2 - Primeiros stories de Sad Trash



Fonte: FONT, Marlene. Instagram: @mardoufox696.

² Segundo Flores (2021), trata-se de obras de literatura digital produzidas e circuladas em plataformas massivas, como as redes sociais, nas quais os leitores recebem em seus feeds atualizações com os textos em vez de terem de pesquisá-los em sites ou arquivos especializados. Trata-se ainda de uma literatura que flerta não com a literatura impressa, mas sim com a cultura pop e referentes à Internet, como memes, virais etc.



A obra Sad Trash, em seus primeiros stories, apresenta uma postagem que realiza a função de uma capa, ilustrada com GIFs nativos do Instagram e efeito de glitch, simulando falhas nas imagens gráficas, sobre um fundo com uma paisagem galáctica com estrelas e aurora boreal. Ademais, também se identifica na sequência de stories uma postagem que funciona como um prefácio, o qual explica que o livro de poemas é feito com a técnica de colagem de Graphics Interchange Format, a fim de experimentar com a imagem e a palavra. Desse modo, ao mesmo tempo em que o gênero da instapoesia é inovador, ele se assemelha a algumas práticas tradicionais, visto que há a capa e o prefácio como paratextos da obra.

Diante dessa análise, pode-se afirmar que a Intermedialidade presente na obra Sad Trash é elaborada mediante referências intermidiáticas, ou seja, é marcada por, segundo (RAMAZZINA; RAJEWSKY; DINIZ, 2020, p. 19) “referir-se a uma outra mídia, por exemplo, tematizando, evocando ou imitando/simulando certos elementos, técnicas ou estruturas de outra mídia, utilizando seus próprios meios e instrumentos específicos para fazê-lo”. No caso do poemário de Marlene Font, os poemas são escritos simulando a técnica de colagem, como descrito pela própria autora no prefácio da obra, parodiando um recurso discursivo de experimentações analógicas com papel, tecido ou outros suportes tradicionais, agora incorporado no conjunto de stories armazenados na ferramenta destaques, a qual permite a organização de uma antologia, de modo a constituir um livro nato digital.

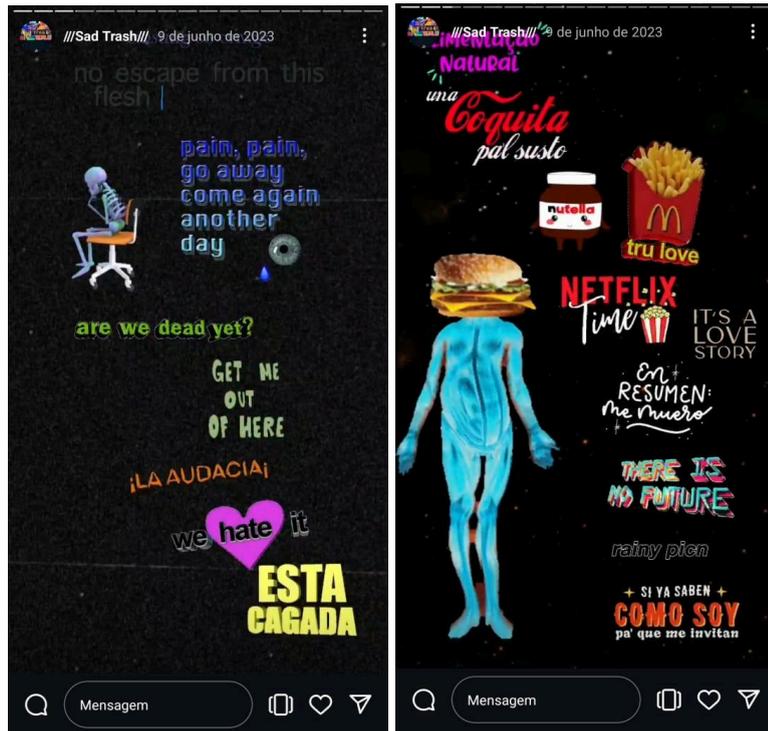
Kirchoff (2016) afirma que “a cultura contemporânea está se tornando cada vez mais atrelada ao computador (em seus vários e cambiantes formatos) bem como a inúmeros aparelhos móveis (tablets, celulares, livros eletrônicos, entre outros), o que tem levado alguns pensadores a postularem o termo “cultura digital” para pensar a contemporaneidade”. Nesse cenário, a obra de Marlene Font nasce com uma proposta rica para a análise da instapoesia. Isso porque as potencialidades da mídia com que ela trabalha, além de ilustrarem a capacidade criativa em torno da mescla entre o digital e o literário, promovem a escrita poética por meio das redes sociais.

Figura 3 - poemas/stories de Sad Trash



SemiEdu 2024

FORMAÇÃO DE PROFESSORES
EM FOCO: DESAFIOS E
PERSPECTIVAS



Fonte: FONT, Marlene. Instagram: @mardoufox696.

A experimentação da poetisa atesta que tais plataformas podem ser meios para a produção escrita literária com recursos das redes sociais. No entanto, há percalços para essa leitura, de acordo também com Kirchoff (2016, p. 223): “A compreensão de grande parte dos efeitos literários e dos sentidos produzidos em obras digitais requer a compreensão de códigos e textualidades específicas do universo digital; portanto, o leitor de obras digitais necessita de algum nível de letramento digital”. Além disso, é necessário que o leitor possua um dispositivo digital e que esteja acostumado com as práticas de leitura e escrita nesses espaços eletrônicos, o que exige acesso financeiro e cultural a bens da cultura digital.

A obra, inicialmente, não aparenta dispor de uma organização para além de uma antologia de poemas. No entanto, essa percepção é equivocada, uma vez que, no decorrer da leitura, as figuras selecionadas na composição poética constroem um imaginário em torno do conjunto de poemas. A partir de colagens digitais e da escolha por logomarcas e GIFs relacionados a produtos, pode-se compreender a intencionalidade da autora de provocar, por exemplo, uma reflexão sobre o capitalismo de dados e sua expansão em plataformas digitais.

No segundo poema da Figura 3, por exemplo, comprova-se tal observação por meio das referências às marcas de multinacionais, como Coca-cola, Nutella e McDonald 's. Tais produtos compõem o campo semântico da alimentação, o qual também se relaciona com a

Realização





ideia de corpo, representada pelo GIF à direita, no qual, no lugar da cabeça, há um hambúrguer. Essa construção pode remeter à ideias como a de “somos aquilo que comemos”, atribuída ao filósofo grego Hipócrates; ou seja, ao nos alimentarmos de fast-foods e comidas não-saudáveis, somos constituídos de “porcarias” ou de uma alimentação “trash”.

O poema evoca, desde o primeiro GIF “alimentação natural”, uma crítica ao consumo e, de forma satírica, ao trazer as marcas com afeto, por exemplo, em “Coquita”, há o uso afetivo do diminutivo, ao passo que o rosto simpático personifica a Nutella, do mesmo modo que na afirmação “true love” (amor verdadeiro) ligada à logomarca do McDonald's. Assim, tem-se uma reflexão sobre alimentação em meio ao capitalismo. Em seguida, em “Netflix Time”, há o lazer novamente ligado ao produto, o que reverbera essa crítica ao capital como parte do ser humano, bem como o GIF “it’s a love story” (“essa é uma história de amor”) denota essa relação entre o ser humano e os alimentos não-saudáveis.

Os GIFs seguintes fazem uma crítica mais direta, podendo-se entender como a quebra do poema. Em “en resumen me muerdo” denota-se que a alimentação de má qualidade, baseada nesses produtos, pode ser associada ao suicídio, haja vista sua nocividade à saúde do indivíduo. Em “There is no future” a afirmação de que não há um futuro reforça essa ideia de fim da linha. Já o último verso do poema, “Si ya saben como soy pa’ que me invitan”, sugere que o eu-lírico não participa dessa realidade, ou seja, alimenta-se de maneira saudável e não compactua com o incentivo ao consumo de produtos nocivos à saúde.

Figura 4 - Último stories de Sad Trash



Fonte: FONT, Marlene. Instagram: @mardoufox696.

O último poema da obra Sad Trash apresenta uma única colagem, de um GIF usado anteriormente dentro do poemário, o “there is no future” que pode ser traduzido como “não há futuro”. Essa (re)afirmação produz o sentido final do “livro de stories”: o consumismo acabará com tudo. Desde a má alimentação, até a poluição do planeta, a obra se encerra com esse tom pessimista quanto à existência humana. O aspecto gráfico também se vale indispensável para compreensão: esse último poema apresenta ilustrações bem saturadas, com GIFS bem coloridos e que se movimentam rapidamente. A face humana estilizada e centralizada, talvez, remeta a esse indivíduo que não enxerga um futuro. Seu rosto desconfigurado demonstra a perda de uma identidade, ao passo que os movimentos dos gifs representam a confusão mental da pessoa nesse estado de despersonalização decorrente do consumismo, em que o capital supera o valor humano.

5 Considerações finais

A leitura dos poemas de Sad Trash exige acesso à internet e ao Instagram, bem como ser letrado sobre o uso de GIFs e as affordances da rede social escolhida pela autora. A estrutura do poemário Sad Trash é constituída de stories reunidos em um dos destaques, de modo a organizar o livro enquanto uma antologia de poemas. Porém, diferente dos livros físicos, para



a leitura é preciso arrastar o dedo na tela, ler lâmina a lâmina do “livro”, até chegar ao fim das postagens interconectadas.

Além de tais aspectos que impactam a leitura, cabe, em futuros desenvolvimentos desta pesquisa, analisar o gênero digital, denominado GIF poetry, e de que forma as características deste afetam a compreensão da obra. Bertges e Pereira (2017, p. 495) afirmam que “Em termos de efeitos estéticos, a animação imprime ao GIF plasticidade, velocidade e repetição, muitas vezes rodando em loop”. Assim, a temporalidade de Sad Trash depende de fatores diversos, que cabe futuramente analisar como GIF poetry: o primeiro é a condição da publicação em stories, a segunda, são os frames que compõem cada um dos GIFs e estes constroem cada poema.

Bertges e Pereira (2017, p. 496) também afirmam que, “a partir desses frames, que há mudanças significativas entre as imagens, o que, a depender da velocidade com que elas se sucedem na tela, pode gerar diferentes efeitos sobre o leitor, desde uma estética da fragmentação até a sensação de vertigem”. Essas características se fazem presentes também na obra Sad Trash, uma vez que a leitura depende da fragmentação dos GIFs. Para conseguir apreender todos os sentidos lançados no texto poético, é preciso ler além da parte verbal e da parte não verbal, mas também as imagens fragmentadas que formam os GIFs e o sentido de cada poema.

O desafio aos pesquisadores não é somente a leitura e o entendimento de textos veiculados em uma rede social, mas também entender as práticas digitais que o constituem, como as distintas modalidades de publicação no Instagram, entre reels stories, feed etc., campos que se dividem pelas affordances da plataforma.

Prado (2016) aponta que “O que há, verdadeiramente e por fim, é a necessidade de se evitar qualquer preconceito para que possamos focar os reais desafios que se apresentam para aquele que lê”. Concordando com a visão desse autor, destacamos que, muitas vezes, instapoemas são desconsiderados como obras de valor literário pela academia, mesmo que esses textos instiguem de maneira inovadora o leitor e a crítica literária. No mais, por empréstimo das palavras de Flores (2021, p. 369), destacamos que “(...) a terceira geração vai ultrapassar barreiras com algum trabalho que irá chamar a atenção de todos e despertar o mundo para a literatura eletrônica”.

Com base nessas postulações e nos conteúdos apresentados nesta pesquisa, conclui-se que é indispensável que os pesquisadores da área da literatura se atentem aos gêneros



emergentes da cultura digital, sobretudo obras de terceira geração da literatura digital, pois se relacionam diretamente com a contemporaneidade e as referências culturais de leitores dos nossos tempos.

6 Referências

KIRCHOFF, Edgar Roberto. **Como Ler os Textos Literários na Era da Cultura Digital?** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 47, p. 203-228, jan./ jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40184710>. Acesso em: 12 jun. 2024

FLORES, L. **Literatura Eletrônica de Terceira Geração.** DAT Journal, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 355–371, 2021. DOI: 10.29147/dat.v6i1.346. Disponível em: <https://datjournal.anhemi.br/dat/article/view/346>. Acesso em: 15 jan. 2024.

FONT, Marlene. **Instagram: @mardoufox696.** 2014 Disponível em <https://www.instagram.com/mardoufox696/?hl=en>. Acesso em: 03 jun. 2024.

PENKE, Niels. #instapoetry. **Poesia popular no Instagram e seus affordances (propiciamentos).** Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 24, n. 46, p. 250-273, jan./abr., 2022. doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20222446np>

PRADO, Márcio Roberto. **Faces da literatura contemporânea: o caso da poesia viral.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 47, p. 19-47, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018472>. Acesso em: 12 jun. 2024

RAMAZZINA GHIRARDI, Ana Luiza. RAJEWSKY, Irina. DINIZ, Thaís Flores Nogueira. **Intermedialidade e referências intermediáticas: uma introdução.** Revista Letras Raras, v. 9, n. 3, p. 11-23, ago. 2020

BERTGES, Livia Ribeiro; PEREIRA, Vinícius Carvalho. **Uma proposta de análise do gênero GIF poem a partir de “Asas” e “Volve”, de Arnaldo Antunes.** Revista desenredo 13.2, 2017. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/download/7250/4461/23894>. Acesso em: 12 set. 2024.

ROCHA, R. **Uma proposta crítico-metodológica para a análise da literatura digital brasileira.** Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO16557

CANCLINI, N. G. **O mundo inteiro como lugar estranho.** São Paulo: Edusp, 2016.